

A AUTÊNTICA AUTOGESTÃO: OS DESAFIOS DO TRABALHO AUTOGESTIONÁRIO EM UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS LOCALIZADOS EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS- ALAGOAS

Martone dos Santos Moura - UFAL
Adriana Claudino da Silva – UFAL
Mayara Mariano Campos – UFAL
Evelyne Wagna Lucena Lima Candeias - UFAL
tonemour@hotmail.com
adrisales@hotmail.com
mayaracampos_91@hotmail.com
evelynelucena@yahoo.com
Agência Financiadora: FINEP
GT 8 – Desafios da autogestão

RESUMO

No Brasil, debates de incentivos a políticas públicas envolvendo a Economia Solidária – ECOSOL tornaram-se muito frequentes, reflexo do crescimento da atividade econômica e social desse segmento. Nesse sentido, sabe-se que pesquisas em diversos eixos nessa temática, são de suma importância na disseminação da Economia Solidária no país. Diante desse contexto, esse estudo em questão, tem por objetivo analisar por meio do aporte teórico de SINGER (2002) e ADMS (2014), os desafios que implicam na prática autogestionária de um Empreendimento Econômico Solidário. Essa análise tem como ponto de partida a visualização dessa categoria em uma Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis localizada em Palmeira dos Índios, no agreste alagoano. Empreendimento fundado em 2012 e que ao longo de sua trajetória apresentou avanços e recuos em sua atividade autogestionária, surgindo assim, por análise da Incubadora, uma hipótese como forma de compreensão dos fatos ocorridos, que levam a acreditar que a autêntica autogestão deve ser resultado da consciência de quem a pratica, estando ligada ao contexto social e em constante aprimoramento.

Palavras-chave: Economia Solidária, Trabalho autogestionário, Empreendimento Econômico Solidário.

ABSTRACT

In Brazil, incentive debates public policies involving the Solidarity Economy - ECOSOL have become very common, reflecting the growth of economic and social activity in this segment. In this sense, it is known that research in several axes in this theme, are of paramount importance in the spread of Solidarity Economy in the country. In this context, the study in question, aims to analyze through the theoretical support of SINGER (2002) and ADMS (2014), the challenges involved in self-management practice of an Economic Development Outreach. This analysis takes as its starting point the view that category in a collectors of Association of Waste located in Palmeira dos Indios, in Alagoas wild. Enterprise founded in 2012 and throughout his career showed advances and setbacks in its self-managed activity, emerging as well, in understanding the Incubator, a hypothesis as a way of understanding of the facts, that lead to believe that authentic self must be the result of awareness of those who practice it, and is connected to the social context and constant improvement.

Keywords: Solidarity Economy, self-managed work, Economic Development Outreach.

INTRODUÇÃO

Tendo como parâmetro o atual cenário brasileiro e seu contexto histórico, sabe-se que vários elementos reestruturaram o mundo do trabalho, o qual ainda sofre alterações e está inserido em sistema econômico capitalista, traçado pela acumulação do capital e fortalecimento da sociedade de classes. E como efeito colateral surge de forma antagônica, uma Economia denominada Solidária, a qual atua na fomentação de espaços de trabalho associado, possibilitando uma atividade autogestionária que leva aos envolvidos uma tomada de consciência contínua e processual, tendo em vista seu contexto, ao desenvolver cotidianamente sua emancipação.

Com base nessa perspectiva, essa pesquisa possui dois objetivos principais, o primeiro é disseminar as ações da Incubadora da Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho (UNITRABALHO¹), a qual está localizada na Universidade Federal de Alagoas, e deslumbra-se na atividade de incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários, cujas ações semeiam práticas de trabalho autogestionário, e, por conseguinte vai analisar por meio do aporte teórico de SINGER (2002) e ADMS (2014) os desafios da autogestão identificados no processo de Incubação de uma Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis de Palmeira dos Índios – ASCAMRPI, localizada no Estado de Alagoas.

Para tal, os capítulos estão divididos por áreas que norteiem os conhecimentos e informações necessários para essa análise, iniciando com o breve histórico da Associação em estudo, o que vai proporcionar um entendimento do contexto social no qual essa ação foi desenvolvida, seguindo com o relato dos desafios autogestionários questionados e analisados a luz dos aportes teóricos, e posteriormente com o desenvolvimento e análise da hipótese referente ao trabalho associado, indicando que o mesmo deve ser produto da consciência do trabalhador ao emancipar-se.

1. PRIMEIRAS AÇÕES DA UNITRABALHO E O BREVE HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS REICLÁVEIS – ACAMRPI.

Os princípios da Economia Solidária são contrários ao do capitalismo² contemporâneo o qual é oriundo de uma nova reconfiguração do capitalismo tradicional diante da globalização e das tecnologias, por isso, sabe que:

¹ O Núcleo desenvolve um trabalho que atua na reflexão e valorização do trabalho bem como nas práticas do desenvolvimento sustentável objetivando a busca por autonomia, inserindo conhecimentos adquiridos na Universidade em grupos de trabalhadores (as) formais e informais que estejam em situações consideradas frágeis a se adaptarem ao mercado consumidor.

² Segundo SINGER, 2002,p.24. “ A economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial como reação ao empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção.

Dentro de diversos entendimentos de globalização, a perspectiva crítica vê esse processo, prioritariamente, como intervenção ideológica e prática do capitalismo contemporâneo, constituindo-se em uma nova fase de imperialismo que se caracteriza pela concentração e centralização (MORAES, 2011, Apud, ADMS, 2014.p.580.).

Dessa maneira, coloca-se em destaque a idealização do homem por uma sociedade mais justa, diante da visualização do trabalho no sistema capitalista, que segundo ADMS, (2014, p.580.), apresenta como “[...] uma reconfiguração das dependências, gerando novas periferias com trabalhadores e trabalhadoras em processo de empobrecimento e, muitas vezes, sem perspectivas de emprego ou trabalho digno, inclusive no interior dos países dominantes”.

Nesse sentido, deve-se compreender os sujeitos da Associação de Materiais Recicláveis de Palmeira dos Índios dentro de sua essência histórico-social, possuidor de um contexto o qual apresenta certas individualidades, por isso as atividades realizadas no processo de incubação, que ocorreram e ocorrem nessa associação desde janeiro de 2012, devem ser relatados em seus detalhes mais específicos, como forma de registro para uma possível investigação e análise.

O trabalho de formação da Incubadora, conta com três atividades principais, cada um desses processos é essencial para concretização dos objetivos. A Pré-incubação foi justamente o processo em que a equipe da UNITRABALHO, fez o mapeamento, para conhecer a comunidade e sua realidade trabalhista. Nesse caso, após as visitas técnicas, foi identificada a necessidade de iniciar um processo de sensibilização daquelas pessoas no que se refere ao trabalho coletivo dentro dos princípios da economia solidária. Esses primeiros encontros tiveram uma duração de algumas semanas, e logo foi elaborado o termo de compromisso no qual tanto o núcleo quanto os trabalhadores informais do lixão, se comprometem em iniciar as formações dando início de fato a incubação.

Logo após inicia-se o processo, a equipe do núcleo inicia o planejamento das atividades a serem feitas com e para o grupo, tendo em vista suas necessidades principais. Inicialmente os encontros tinham uma faixa de 70 pessoas participando das reuniões, a maioria de localidades conhecidas como: Salgado, Lagoa do Rancho, Alto Vermelho e Algodãozinho. Alguns já trabalhavam como catadores no lixão do município, outros faziam as coletas nas ruas e tinham ligação com agricultura familiar, cabendo ainda aqueles que nunca chegaram a trabalhar com a coleta.

Após um ano de ações com essa média de participantes, o grupo foi diminuindo seu quantitativo, as faltas em reuniões eram constantes. No entanto continuaram os encontros contando com uma média de 35 pessoas com objetivos comuns e também contrários. O grupo ao se fortalecer dentro de suas limitações se reuniu no dia 19 do mês de novembro de 2013, na Escola Manoel Barbosa, situada na comunidade alto vermelho, em um total de 32 pessoas, destinadas a fundarem a Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis de Palmeira dos Índios

(ASCAMRPI), e assim foi feito. A diretoria executiva foi composta por: Divacir Alexandre dos Santos (Presidente), Fredson Barros da Silva Granja (vice-presidente), Adriana Barros Vieira (tesoureira), Quitéria Barros Vieira (secretária) e Conselho Fiscal: Maria de Fátima da Silva, Edna Gonzaga Rocha de Souza.

A partir daí, a Incubadora deu início ao plano de trabalho junto ao empreendimento agora formalizado, com atividades de cunho teórico e prática sobre a Economia Solidária no Brasil, seus princípios e atividade, proporcionando um ambiente favorável ao debate sobre como ocorre trabalho associado e em que parâmetros se consolidou o cooperativismo no Brasil tendo em vista o sistema capitalista. Essas informações são necessárias para que os mesmos visualizassem seu contexto social e sejam agentes de sua própria mudança, tendo em vista a sua concepção política e social.

2. A AUTOGESTÃO COMO PRODUTO DE QUEM A PRÁTICA: O CONTEXTO SOCIAL QUE ANTECEDE O TRABALHO NA ASSOCIAÇÃO.

O processo de entendimento autogestionário que se desenvolve por meio da análise dos aportes teóricos de SINGER (2002) e ADMS (2014), possibilita a compreensão dos avanços e recuos nas atividades de trabalho da ACAMRPI. Processo de Incubação esse, que revela uma hipótese em relação ao trabalho autogestionário, o que pode ser chamado de autêntica autogestão, ou seja, para ser classificada como autêntica a autogestão deverá se apresentar como uma ação da consciência dos sócios, sendo produto da mudança do pensamento social e político dos mesmos, partilhados agora de forma harmônica, que entram em conflito durante atividade de trabalho com ações que preservem severamente os princípios do capitalismo.

É nesse contexto que se verifica a reinvenção da economia solidária. O programa da economia solidária se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta à do modo de produção dominante. O avanço da economia solidária não prescinde inteiramente do apoio do Estado e do fundo público, sobretudo para o resgate de comunidades miseráveis, destituídas do mínimo de recursos que permita encetar algum processo de auto-emancipação. Mas, para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana. SINGER, 2002.p.112.

A população nessa visualização poderá tanto se apropriar dos princípios da economia solidária como também os construir. Entendendo que o conflito de ideias leva o indivíduo a uma desconstrução e reconstrução de suas convicções, um processo de amadurecimento, e nesse caminho pode-se perceber conflitos originários das práticas vividas tanto individualmente quanto coletivamente por cada pessoa, demonstrando que a história social do indivíduo se revela e se

constrói no dia a dia. Essa hipótese pode ser discutida por meio da visualização dos entraves na ASCAMRPI.

Primeiramente vimos um quantitativo de 70 participantes diminuir drasticamente no decorrer das reuniões. Essa ocorrência ao ser explicada por um dos sócios mostrou que o interesse inicial de alguns participantes do processo era apenas o ganho pessoal que poderia vir a ter e o recebimento da cesta básica, o que mostra a pouca amplitude do desenvolvimento crítico dos mesmos em relação aos seus reais direitos frente às precárias condições de trabalho que os rodeia.

No começo o povo vinha pela cesta básica que a gente ganhava quando estava na reunião, depois que acabou, todo mundo sumiu, só ficou esses, e mesmo assim quando é para fazer reunião muitos faltam, agora coloque uma cesta básica pra ver se o povo não vem” (Murilo,2014).³

Além do interesse por ganhos, o fato da baixa no quantitativo, tem haver com práticas individualistas, falta de percepção coletiva, preservação do conceito de agir ou estar presente através de estímulos financeiros, tudo isso reflete na prática da autogestão no grupo. Contudo, sabe-se que a mudança ou adaptação é processual, vemos isso ao reconhecer que:

“As pessoas não são naturalmente inclinadas à autogestão, assim como não o são à heterogestão. Poucos optariam espontaneamente por passar a vida recebendo ordens, atemorizados com o que lhes possa acontecer se deixarem de agradar aos superiores. Aprende-se a obedecer e temer os “superiores” desde os bancos escolares, num processo educativo que prossegue a vida inteira”. (SINGER, 2002, p.21.).

Compreende-se que cada indivíduo pode está inclinado a desenvolver ou não uma nova postura, suas experiências e relações de comunicação nas formações⁴ e no trabalho coletivo criam possibilidades de desconstrução e reconstrução. Segundo ADMS (2014, p.583.): *Como espaço de relações educativas, o trabalho associado pode atingir variadas dimensões da vida. O ponto de partida é o antigo padrão incorporado (ethos de origem, em geral a experiência capitalista de trabalho) juntamente com algum nível de produção social (criação do novo – formação de um novo ethos).* Dessa forma, as práticas pedagógicas são ações que alimentam a consciência de todos os envolvidos no processo, com isso a autogestão como prática do homem torna-se efetiva por si própria por estar presente na consciência emancipada, a qual não surge por imposição, e sim pela experiência do trabalhador nesses processos, sendo assim autêntica. Essa hipótese pode ser confirmada quando ADMS (2014,p.582.) diz que:

³ Nome fictício, a identificação do sócio foi preservada.

⁴ Formação é o processo pelo qual a Incubadora desenvolve suas atividades de educação, socializando conhecimentos científicos adquiridos na Universidade com os empreendimentos por meio de práticas pedagógicas, que unem o conhecimento popular ao científico, possibilitando a todos os envolvidos a uma humanização em seu processo de trabalho.

[...] vale considerar que nenhuma economia torna-se solidária só porque as pessoas são boas e generosas ou porque acreditam no trabalho solidário como projeto político. Na perspectiva dialética, em que pese o contexto adverso que induz à alienação, os trabalhadores e trabalhadoras podem desenvolver processos de formação emancipadores na atividade cotidiana do trabalho. Tal prática depende, entre outros fatores estruturais, da capacidade de compreensão, organização e gestão do trabalho, além da desenvoltura profissional dos sujeitos envolvidos e do processo reflexivo presente nos coletivos de trabalho, estimulados ou não por educadores(as) externos aos empreendimentos.

Entretanto, no decorrer do tempo, um fato foi caracterizado como um grande fator social que implica diretamente nos desafios da autogestão identificados no empreendimento, reflexo do contexto social do município, o qual revela um local de desenvolvimento médio, contudo bem simplório, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IDH⁵ – Índice de Desenvolvimento Humano do município em 2010 foi de 0,638 do máximo de 1 ponto. O que se apresenta como um dos fatores para o não acesso a educação, ao trabalho bem remunerado, a saúde, e em suma a qualidade de vida dos trabalhadores que atuam no empreendimento.

Resquícios dessas estruturas ainda estão presentes na vida desses associados, para tanto, pode-se evidenciar um fato de grande relevância no grupo, que foi à morte do Presidente e líder do grupo Sr. Divacir Alexandre, o qual teve sua vida ceifada com disparos de arma de fogo quando sai de casa para mais um dia de trabalho. As causas à polícia ainda investiga, esse acontecimento surge como um dos pilares para o retrocesso nas conquistas do grupo. Eleito na primeira Assembleia Geral do empreendimento como liderança do grupo, o mesmo tinha uma motivação especial, era querido por todos, fazia seu grupo participar das atividades, mesmo com um quantitativo menor que o inicial, o grupo se consolidou com uma média de 32 membros, e matinha a perseverança e o anseio por conquistas.



Fonte: Página da Tribuna Hoje⁶

Fig 1: Presidente do grupo, falecido após o crime.

⁵ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é utilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento desde o ano de 1993; este índice utiliza certos critérios de avaliação (renda, longevidade e educação) para medir o desenvolvimento humano em 177 países, varia de 0 a 1, sendo considerados de baixo desenvolvimento os países que atingem menos de 0,499 pontos, de médio desenvolvimento os que possuem notas de 0,500 até 0,799, e de alto desenvolvimento os países que atingem pontuação superior a 0,800.

⁶ Disponível em: <<http://www.tribunahoje.com/noticia/77057/alagoas/2013/09/29/assassinatos-movimentam-policia-em-palmeira-dos-ndios-e-arapiraca.html>> Acesso em maio de 2015.

O assassinato da liderança afastou muitos membros principalmente do povoado de Algodãozinho e Lagoa do Rancho, outros ficaram com receio de continuar na associação por não entender o que de fato ocorreu e motivou a trágica morte de seu presidente, houve um desinteresse dos cooperados em assumir cargos de liderança a exemplo da presidência, pois alguns associados compreendem que a morte do presidente foi causada pela sua posição e poder decisório dentro da associação.

3. UNINDO ESFORÇOS: A TENTATIVA DE SUPERAR OS DESAFIOS QUE IMPLICAM NA AUTOGESTÃO DA ACAMRPI

Diante da trágica perda, os sócios da ACAMRPI e a equipe da Incubadora, ficaram desolados, levando algum tempo para conseguir dar continuidade às atividades no grupo, e hipoteticamente imaginando o quanto o falecido presidente iria ficar inconsolado se a associação por qual tanto lutou e motivou a lutar, chegasse ao seu fim. Nós da equipe e alguns sócios do empreendimento tínhamos certeza que o mesmo gostaria que a ACAMRPI continuasse com as atividades avançando na perspectiva de gerar renda e dignidade para os associados e toda a comunidade envolvida.

As visitas ao grupo só foram retomadas após dois 2 meses. Na primeira reunião após o ocorrido ficou visível à desarticulação do grupo, porém, todos os esforços anteriores mostraram resultados nesse retorno e aos poucos alguns sócios apresentaram uma vontade de retomar as atividades. Mostrando assim a confiança da maioria deles nas ações da incubadora e na equipe, dando continuidade ao processo do trabalho autogestionário que já vinha sendo realizado, revelando uma consciência social mais ativa do que era demonstrada no início, quando a dimensão da nova postura ainda estava ausente. Com isso a prática nos princípios do ECOSOL mesmo sendo distante de alguns, agora possuía mais expressão, presenciadas nas práticas de tomada de decisão coletiva e de planejamento.

“A confiança é fundamental neste processo. Numa empresa convencional, o que garante o emprego, muitas vezes, é o caráter tácito das habilidades do trabalhador. Já numa empresa autogerida, o que irá garantir a sua sobrevivência será a capacidade dos novos proprietários reunirem um conjunto de informações dispersas e delas fazerem sentido segundo seu interesse. Ou seja, não havendo concorrência entre os trabalhadores é seu interesse, se educarem uns aos outros naquilo que conhecem e, especialmente, naquilo em que se complementam” (TAUILE , SCOTTI, 2002.p.67.).

A Incubadora e a ACAMRPI buscaram parcerias que fortaleceram as ações na Associação, junto à prefeitura de Palmeira dos Índios, Cáritas⁷, e recentemente com o Instituto Federal de Alagoas - IFAL. Os sócios participaram de formações fora e dentro do município, fizeram visitas a

⁷A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural.

Cooperativa em Maceió, a qual também era incubada pela IESOL, visitaram as dependências do IFAL –tiveram formações, conhecendo e aprendendo a utilizar a prensa de materiais recicláveis. As formações ainda continuam seguindo o plano de trabalho planejado com base nas atuais necessidades do empreendimento, e são realizadas pelos bolsistas e técnicos da Incubadora.

Hoje a associação conta com 19 sócios com apenas 5 fazendo a coleta e separação coletiva, e alguns ainda fazendo a coleta individual no lixão, outros por sua vez não desempenham nenhuma atividade e aguardam a estrutura do galpão ser formada para iniciar os trabalhos de coleta, separação e venda. O grupo recentemente tomou posse do terreno que ganharam em 2012, e diante disso pode-se dizer que possuem sede própria, porém sem estrutura para o trabalho, existem propostas de doação de materiais e equipamentos como a prensa, pelo Instituto Federal de Alagoas-IFAL de Palmeira dos Índios. O grupo mantém contato desde o início com Prefeitura local e com a Secretaria do meio ambiente, fazendo o planejamento das metas e possibilidades do empreendimento.

4. CONCLUSÃO

Ao conceber o homem como ser histórico-social vemos que o mesmo sendo parte operante e conscientemente ativa da natureza a modifica ao seu interesse, e dessa forma o mantém, diante dessa visualização, sabe-se que o trabalho apresenta-se como prática social do homem o que constrói sua cultura. Nessa perspectiva esse estudo revelou através de uma análise de experiência, quais os principais e reais desafios autogestionários identificados na ACAMRPI. Admitindo que o conflito no mundo de ideias proporcionado por meio do processo de Incubação realizado pela UNITRABALHO possibilita aos envolvidos uma nova concepção, um novo conhecimento que leva a uma nova prática, e como toda mudança ocorre de forma processual, um constante amadurecimento ao que estava posto e não era conhecido e vivenciado.

Contudo, é válido afirmar que a tomada de consciência desses trabalhadores possibilita a sua emancipação, a qual não pode ser imposta, e sim, desenvolvida cotidianamente nas suas relações de trabalho e estudos decorrentes da formação, a defesa dessa hipótese surge com o entendimento dos aportes teóricos em destaque, levando a analisar que os fatos ocorridos na ACAMRPI estão presentes em muitas associações ou cooperativas, e que a verdadeira autogestão é de fato produto da consciência de quem a pratica, sendo influenciada pelo contexto social, e sua postura diante das novas experiências, pois sempre existirá a relação entre homem e natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Telmo. **Educação na economia solidária: desafios e perspectivas.** *Educação. Santa Maria* [online]. 2014, vol.39, n.03, pp. 577-588. ISSN 1984-6444.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** 1 a ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAUILE, José Ricardo. SCOTTI, Debaco Eduardo. **Autogestão no Brasil: a viabilidade econômica de empresas geridas por trabalhadores.** VII Encontro Nacional de Economia Política e II Colóquio Latino-Americano de Economistas Políticos, 2002, Curitiba.